

## 5 Conclusão

O pronome interrogativo *que* no PB atual é caracterizado por uma variedade de formas que não pode ser explicada apenas por fatores sociolinguísticos. Diferentemente do que acontece na tradição gramatical do francês, idioma que apresenta características semelhantes ao PB no que diz respeito à interrogação, a gramática tradicional brasileira não leva em consideração o desenvolvimento da estrutura interrogativa, mantendo como forma canônica uma forma (*que*) a qual já no início do século XX estava sendo substituída pela forma reforçada *o que*. Com raras exceções (Perini 2002), a forma reduplicada (*o que que*), majoritária segundo os dados estudados, nem é mencionada.

No caso das gramáticas editadas no exterior dedicadas ao ensino do português para estrangeiros, segue-se uma linha um pouco mais condizente com a realidade linguística do PB, sendo mencionadas várias formas, como as *in-situ* e as clivadas com *é que*. Já os manuais editados no Brasil seguem uma linha muito fiel à gramática tradicional, preconizando o ensino de uma língua-padrão que já não é utilizada nem mesmo por falantes urbanos cultos. Pleiteamos o ensino de um padrão culto distenso, o qual habilitará o aprendiz interessado em aprender nossa língua materna a fazê-lo de maneira eficaz, sem no entanto deixar de lado a preocupação com a língua culta escrita, oferecendo informações adicionais que completem o mosaico linguístico brasileiro. A nosso ver, é esse o caminho a ser trilhado, e não o caminho inverso, de se ensinar um padrão artificial, que é comunicativa e pragmaticamente inadequado para só depois oferecer a norma efetivamente praticada.

O presente estudo confirmou a hipótese postulada, segundo a qual a forma canônica do português falado seria uma estrutura derivada da interrogação clivada, como no caso do francês. Além disso, confirmaram-se também as hipóteses de que as demais formas, que pareciam ser sinônimas, possuem valores pragmáticos distintos,

excetuando-se as formas chamadas reforçadas (*o que é que, o que que*), precedidas de *o*, as quais parecem não ter nenhum valor distinto dos seus pares não-reforçados.

- a forma caracterizada pela gramática tradicional *que* praticamente só aparece em estruturas lexicalizadas: perguntas do tipo retórico, demonstrando susto, admiração, indignação;

- a forma *o que*, a qual seria a sucessora da forma pura *que*, também parece não ser a forma canônica neutra na linguagem falada do PB, sendo quase todas as ocorrências casos de perguntas retóricas, através das quais o falante expressa seu espanto, raiva, surpresa; poder-se-ia mesmo pensar em uma única categoria *que/o que*;

- as formas clivadas, tanto *o que é que* quanto *que é que* têm um valor claramente de realce, com funções bem definidas, nomeadamente para expressar insistência e intimidação;

- as formas reduplicadas *o que que* e *que que* podem ser consideradas a forma canônica da interrogação neutra com o objetivo de obter a informação que falta ao falante – a definição clássica da função do pronome interrogativo. Assim como no caso das clivadas, não pôde ser confirmado se há alguma diferença pragmática entre a forma reforçada (*o que que*) e a não-reforçada (*que que*).

Temos a convicção de haver realizado um estudo cujos resultados certamente contribuirão para que o material elaborado para o ensino de português brasileiro a falantes de outras línguas seja acrescido de informações relevantes, já que se demonstrou ser insatisfatória e pragmaticamente incorreta a descrição das estruturas interrogativas do português brasileiro apresentada nas obras didáticas.

Seria necessário que as conclusões deste trabalho fossem apenas o começo de uma série de pesquisas que tratasse do tema interrogação no português brasileiro, pois ainda restam seguramente muitas perguntas a serem respondidas.